

Fausto Faustino*

Jacó Guinsburg*

Faustino estava desesperado.

Aceitara o convite daquele escritor, cheio de lábia, que lhe prometera todas as riquezas e todas as honras do mundo das letras, para que figurasse no seu novo romance. Encantara-se com a idéia de poder sair daquela existência de pobre, onde durante semanas, se não meses, ninguém lhe dava a menor atenção, deixando-o entregue a si mesmo, na reclusão do esquecimento, a não ser quando era lembrado numa roda de fogueira ou num preguiçoso fim de festa. Sua imaginação saltou à frente da tentação e ele viu-se correndo a aventura dos grandes feitos, nas belas páginas do relato heróico. Estaria sonhando? Provavelmente... Mas o fato era que queria mudar de vida. Estava cansado da infalível quebra da estrada, da cachaça da venda, da meia dúzia de cantadores e repentistas que nem sequer sabiam direito o seu nome, conhecendo-o apenas porque alguém falara nele. Por isto mesmo, não hesitara. Pondo de lado a sua habitual modéstia e timidez, entregou-se à discrição daquele homem que lhe oferecia tanto e lhe pedia tão pouco. Com curiosidade, mas também, e por que não?, com alguma vaidade, deixou que ele transformasse o seu matuto nome de Faustino em um cidadão Fausto, amputando-lhe o sufixo. Não se importou que o despojasse de sua barba hirsuta, que não conhecera quase tesoura e muito menos navalha em vida adulta, e ousasse inclusive não só apará-la, como escanhoá-la e, ainda por cima, botar cheiro nele.

Sentiu-se um pouco menos à vontade quando o enfarpelaram com uma roupa na qual nem ele se encontrava (entre todos aqueles botões e o nó da gravata) e meteram seus pés, que sempre haviam pisado muito à vontade no chão, não em uma botina, mas em sapatos de bico fino que o apertavam como se estivesse numa prensa de tortura. Mas, ainda assim, pensou: “Isto é por pouco tempo e acho que o sacrifício vai valer a pena”. O que o deixou realmente intrigado foi quando o seu suposto amigo e benfeitor, que era careca, mas cuja calva ostentava nas têmporas dois tufo de cabelo, informou-lhe que agora iria conhecer o que nunca pudera e sempre quisera conhecer do mundo. E, sem mais, apresentou-lhe uma tal de Margarethe e disse-lhe que podia ficar à vontade com ela, moça de muito respeito, mas que não enjeitava um namoro.

Como não ia às damas já fazia tempo, resolveu, apesar de uma certa desconfiança, ver até onde poderia chegar com a donzela e pôs-se de caso com ela. E foi então que tudo se complicou. Não bastasse aquela mudança que até parecia obra de Satanás e que transformara tudo à sua volta — ele que passara a vida inteira dormindo num catre e agora era jogado numa cama com travesseiro, lençol de linho e manta, que tomava banho de vez em quando em água de tina ou de rio, era trazido todos os dias para lavar-se de corpo inteiro em um quarto de banho, e o que não dizer agora quando ele, com seus próprios olhos, via-se comendo de garfo e faca em mesa posta, tendo de ler livros que o atordoavam com tantas palavras, em vez de ficar olhando gostosamente para as estrelas, sendo obrigado a ouvir músicas que lhe arranhavam os ouvidos, em vez de lhe deitar mel na alma, e precisando compreender os caminhos de Deus, ele que só tinha maior convívio com as artes dos anjos, de preferência os do pecado. Se tudo isso não bastasse para o seu mal-estar, estava arrepiado com as histórias que o danado fazia rolar todos os dias entre ele e Margarethe. O seu alcoviteiro o lançara, por assim dizer, nos braços da tentação. E agora que o caso estava tomando o rumo que devia tomar, mesmo porque o coração dele não era uma uva-passa e a virilidade de homem que se preze não podia negar fogo, as coisas se faziam de noite de um jeito e no dia seguinte se desfaziam de outro. Como assim? É que o noveleiro, sem lhe dar a menor satisfação, arrogava-se ao direito de levar ao papel o acontecido como bem lhe aprazia e deturpava tudo, alterando, confundindo e transformando os fatos, dos quais, no entanto, tinha como ninguém real conhecimento.

Ele, Faustino, agora formalmente Fausto, começou a ficar desorientado com a situação. Sentia-se usado de uma maneira indevida, indigna de sua função. Era como se no jogo em que entrara estivesse sendo descaracterizado e, despersonalizando-se, houvesse perdido a sua identidade, o seu eu, a sua própria alma. Alguém, na aposta o vendera ao demônio. E, o que era verdadeiramente enlouquecedor, é que este alguém, que tudo indicava ser seu mecenas escritor, o acusava de ser ele mesmo o autor da safadeza e de tê-la cometido; em outras palavras: afirmava que ele firmara um pacto com a coisa ruim. Isto era demais! Não iria e não poderia agüentar uma felonía deste tipo. Ele queria vendê-lo só para fazer literatura, essa escrituração para divertir o ócio de uma gente que não se sabe muito bem quem é nem onde vive.

Diante disto, Fausto Faustino tomou a firme resolução de pôr a questão em pratos limpos. Dito e feito. Dirigiu-se ao autor da trapaça e exigiu que o liberasse do contrato e lhe permitisse voltar às suas origens, pois lá, pelo menos, sem todo esse luxo e luzes, nas trevas ou ao clarão da lua, ele era uma figura íntegra: o Faustino respeitado — ainda que às vezes esquecido e quase nunca incensado — quando o seu nome e as suas histórias vinham a propósito.

Aparentemente, o seu interlocutor-escritor não se sensibilizou com a dor e a revolta de sua personagem, e querendo fazer valer cruelmente as cláusulas do contrato, limitou-se a replicar-lhe, arqueando os mefistofélicos tufos de suas têmporas, que nada poderia fazer para atendê-lo, porquanto sua sorte havia sido lançada quando aceitara que o seu nome fosse mudado — nome que era agora título de um grande romance, de que a imprensa já falava e que a tevê já anunciava para a novela das oito.

E concluiu: — Personagem que se vende não tem caráter e não tem do que reclamar!

20 de fevereiro de 2000.

* O conto "Fausto Faustino" foi publicado, em 2000, em *O que aconteceu, aconteceu* (Ateliê Editorial), p. 119-123. Agradecemos à editora e ao Professor Guinsburg a generosidade da permissão de sua publicação nesta revista.

* **Jacó Guinsburg** é Professor Emérito da USP, tradutor e autor de, entre outros títulos: *Stanislávski e o teatro de arte de Moscou*; *Leoni de'Sommi*: um judeu no teatro da renascença italiana; *Diálogos sobre teatro*; *Aventuras de uma língua errante*: ensaios de literatura e teatro ídiche, de 1996.